



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

INFÂNCIA NA ALEMANHA NAZISTA: VERSÕES FICTÍCIAS DE UMA HISTÓRIA REAL

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva*

1

É inegável que há uma relação próxima entre história e literatura, pois ambas são expressas pela narrativa. Entretanto, trata-se – como querem seus defensores – de uma ciência e de uma arte, respectivamente. Duas disciplinas com atributos específicos e que, portanto, apresentam variações consideráveis de um mesmo fato. Ao historiador, é exigido o relato da “verdade” através da linguagem objetiva, visando à construção de uma memória coletiva. Ao escritor, permite-se a criação de um mundo imaginário cuja descrição apela para as emoções de seu leitor.

Várias personalidades ligadas às duas áreas assumem uma relação mais íntima entre elas, sem que os novos atributos abalem a caracterização tradicional. Não há mais exclusividade nos métodos empregados para a produção do texto e o tratamento do fato. Sobre a pesquisa, Droysen (2009, p. 36-37) defende que só através da combinação entre percepção empírica, experiência e investigação, o historiador pode despertar os eventos, preenchendo as lacunas vazias deixadas pelo passado. James (2011, p. 15), por sua vez,

* Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal do Piauí. Email: sharmillaohana@hotmail.com.

acredita que o escritor encontra maiores obstáculos para coletar suas provas, que ultrapassam o âmbito literário.

Para Prost (2008, p. 88-89), qualquer ofício intelectual sugere a pessoalidade. Logo, o historiador trabalha como um romancista e afirma no objeto científico descrito a própria identidade. Bulhões (2009, p. 22) também reconhece que a ficção é baseada na realidade, apenas representando o que é conhecido. Baseando-se na ideia destes autores, percebemos que um mesmo fato histórico é reconstruído através de processos especiais na literatura, tal como apresentamos neste artigo.

Bruno e Liesel são duas crianças que experimentam o nazismo de maneiras diferentes, mas os limites impostos por Adolf Hitler não impedem que os pequenos se libertem através de sua inocência. Nesta perspectiva, analisamos o tratamento dado ao fato histórico – especificamente, o contexto social na Alemanha no período da segunda grande guerra – e sua influência no comportamento infantil da ficção.

A abordagem é feita nos romances *O menino do pijama listrado*, de John Boyne, e *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak, ambos publicados em 2006. Usamos algumas das situações comuns nos dois livros, como a organização da sociedade nazista, as opiniões sobre o Führer e a amizade com um judeu. O diálogo entre história e literatura proporciona uma reflexão sobre a construção da narrativa em cada disciplina e os limites de cada uma delas.

2

HAJA-VISTA E EM MOLCHING

Bruno morava em Berlim com os pais e a irmã, Gretel, até a mudança para Haja-Vista. Nas duas casas, havia sempre muitos visitantes, homens uniformizados, que mantinham longas conversas em salas trancadas com o pai do menino. Um desses convidados era especial e tinha grandes planos para o chefe daquela família. Bruno nunca teve conhecimento do trabalho a ser feito no campo, um lugar que detestava.

Haja-Vista é Auschwitz, um campo de extermínio, que fica próximo à cidade de Cracóvia, na Polônia. Segundo D'Alessio e Capelato (2004, p. 95-96), havia seis locais como este cujo principal objetivo era a matança das pessoas consideradas diferentes. No território alemão, ficava a maioria dos campos de concentração, onde as

vítimas realizavam trabalhos forçados. Todos eles foram criados com base em lei aprovada em 1933. Provavelmente, o pai de Bruno era oficial da SS, a organização policial responsável pela ordem nos campos.

Liesel, por sua vez, saiu com a mãe e o irmão menor de uma cidade não identificada para Molching, em Munique – local do primeiro campo construído: Dachau, onde “seriam entregues a pais de criação” (ZUSAK, 2010, p. 24). O pequeno Werner não chegou vivo ao destino, pois morrera doente. A criança viva estava suja e faminta e, apesar de loira, tinha os olhos escuros o que era perigoso na Alemanha da época. Ela foi recebida por Rosa e Hans Hubermann, uma lavadeira e um ex-soldado.

Bruno e Liesel eram letrados de maneiras divergentes. Enquanto ele tinha um professor à sua disposição em casa, ela frequentava instituições nazistas de ensino. Apesar disso, ambos deviam obediência à ideologia criada por Hitler, algo que só uma família ariana poderia oferecer:

A família [impõe] as normas sociais [para a] manutenção do *status quo*. Cultiva a honra, o dever, a docilidade não crítica, a subserviência à autoridade. O pai introduz na família a posição que assume em relação a seu superior hierárquico na sociedade. Assim, submetido a uma identificação com seu pai, o filho manterá com qualquer autoridade, as mesmas inclinações de subserviência dotadas de forte carga afetiva. (LENHARO, 2006, p. 15).

3

Em *O menino do pijama listrado*, a mudança foi feita após uma visita do Führer, a família seguiu para Haja-Vista de trem e, ainda na estação, Bruno avistou uma multidão empurrada para o interior do outro trem que seguia para o mesmo destino. O transporte com poucos passageiros, de vagões vazios e confortáveis, contrastava com o outro.

De acordo com Ribeiro Jr. (2005, p. 40-41), o nazismo se fortaleceu através de três aspectos; um deles era o terrorismo, desenvolvido pelo uso frequente da ameaça e da violência. Os passageiros que iam para Haja-Vista não voltariam e a viagem de trem diminuía o espetáculo doentio promovido ao mesmo tempo em que demonstra o tratamento contrário dado para os ricos arianos e para os outros.

Liesel não sabia ler, mas roubava livros porque as palavras lhe interessavam e apesar de ser enviada para a Liga das Moças Alemãs, onde “[...] ensinavam a marchar

direito, enrolar ataduras e costurar roupas” (ZUSAK, 2010, p. 40), só aprendeu a ler com Hans também em casa. Logo, a menina passou a se isolar no porão como forma de dar asas à imaginação, sem saber que os mesmos livros dariam instantes de esperança para os vizinhos. Quando começou a guerra, Liesel lia para consolo dos desesperados.

Todas as instituições trabalhavam para a aceitação das ideias nazistas e até crianças poderiam atuar como espiãs:

[...] Crianças doutrinadas na Juventude Hitlerista ou na Liga das Moças Alemãs podiam – e o faziam – relatar as opiniões de seus pais a oficiais nazistas, que se transformaram em uma fonte de autoridade alternativa aos pais, padres e professores escolares. [...] laços de família eram rompidos e gerações colocadas contra outras gerações. (GEARY, 2010, p. 60-61).

Este era o caso dos filhos biológicos dos Hubermann, cuja relação não exploramos neste artigo, pois priorizamos a história de Liesel. Por isso, o apego desta a nova família; o casal precisava do amor de um filho e a menina da presença de um pai e uma mãe. Quanto ao relato das crianças sobre as opiniões que eram defendidas dentro de casa, Bruno não poderia revelá-las por não ter consciência das mesmas; Liesel, por sua vez, entendia o que não podia ser feito ou dito em locais públicos, ainda que sem compreender totalmente o motivo.

Em Haja-Vista, os dias passavam e Bruno não se acostumava à solidão do lugar, pois sentia falta de seus amigos que ficaram em Berlim. A solução encontrada foi a exploração e, através da brincadeira, ele descobriu a área cercada que ficava próxima a sua casa. Da janela de seu quarto ele mostra a Gretel os soldados e as pessoas de pijama listrado que estavam neste campo.

O LÍDER NAZISTA

Muitas vezes, Bruno via os soldados e outras pessoas fazerem uma saudação incomum. Os braços estendidos para frente precediam a enunciação de duas palavras que todos eram obrigados a repetir. O menino usou-as mais uma vez em uma conversa que teve com o pai na qual fez o pedido de voltar para Berlim. Este convenceu o filho a ficar argumentando que o sucesso do homem se realizava pela sua obediência, apesar de

a criança pensar que Haja-Vista foi o castigo dado pelo Führer a algo errado feito. Na sociedade nazista, os símbolos e gestos tinham grande importância:

[...] A saudação *Heil Hitler* (Salve Hitler) e os gritos e aclamações de *Sieg Heil* (Salve a Vitória) são ritos religiosos de aproximação ou de distanciamento do Führer, que se torna tabu (no tabu há sempre respeito a um poder). Na Alemanha nazista não esticar horizontalmente o braço direito a altura do ombro e gritar a saudação *Heil Hitler* era considerado ofensa ao Führer. (RIBEIRO Jr., p. 68).

Nesse mesmo encontro, Bruno perguntou ao pai quem eram as pessoas com pijamas listrados e ouviu como resposta que elas não eram seres humanos e que não havia nada em comum entre eles e o garoto. Confuso e insatisfeito com o argumento estranho, Bruno saiu da sala sem realizar a saudação e foi repreendido. Proferiu as palavras, pensando que elas eram outra forma de dizer “até logo”. Liesel também devia usar a expressão em qualquer local público. A atitude era tão bem vista como os desfiles. Com frequência, os membros do Partido Nazista marchavam por Munique exaltando seu objetivo nacionalista. Eram aplaudidos por todos, pelos orgulhosos e pelos envergonhados.

Para D’Alessio e Capelato (2004, p. 43-44), assim como para outros estudiosos, a mobilização das massas foi feita principalmente através da propaganda. Os discursos políticos de Hitler tratavam da crise da *República de Weimar* e centravam-se no racismo e no nacionalismo. Os alemães acreditavam na necessidade de reagir à humilhação dos inimigos e de retornar à pureza de sua etnia. Só um grupo homogêneo seria capaz de reerguer o país e recuperar sua identidade. A influência das palavras e das imagens era grande, pois os nazistas controlavam os meios de comunicação.

O poder de Hitler simbolizava a ordem social e política porque, independente de qualquer organização, ele conseguia controlar tudo o que lhe cercava. Acima de qualquer homem ou ideia, só a ele se devia obediência e, enquanto ser supremo da nação alemã, seus desejos deviam ser realizados. Representante de seu povo, reunia-o através de suas palavras, impedindo a mobilização de pensamentos contrários. A jovem protagonista de *A menina que roubava livros* questionava sobre as pessoas que levaram seus pais e o que estes tinham a ver com comunistas, palavra tão ouvida e incompreendida por ela:

[...] tinham-lhes dito que a Alemanha era a raça superior, porém ninguém mais, em particular, fora mencionado. É claro que todos sabiam dos judeus, já que eles eram o principal *infrator*, no que dizia respeito a violar o ideal alemão. Nem uma vez, entretanto, os comunistas tinham sido mencionados até esse dia, a despeito do fato de que as pessoas desse credo político também deviam ser punidas” (ZUSAK, 2010, p. 101, grifo do autor).

Certa noite, Liesel fazendo associações entre o que via e o que ouvia, queria saber se a mãe era comunista. Quando recebeu a resposta do pai adotivo, insinuando que a mulher podia ter sido levada pelos nazistas, ela expressou sua revolta em voz alta dizendo que odiava o Führer. Apesar de sentir o mesmo, Hans a repreendeu, dando-lhe um tapa no rosto e proibiu a garota de manifestar isso novamente.

A visita do Führer à casa de Bruno antecedeu a mudança da família para Haja-Vista. Quem era este homem e o que fazia eram fatos desconhecidos pelo menino, mas a irmã fazia questão de dizer que aquele senhor mandava no país. Convidado para jantar, mostrou uma falta de educação logo expressa pelo pequeno anfitrião: “Que homem horrível” (BOYNE, 2007, p. 110). Ele havia sentado na cadeira do pai de Bruno, dado as costas enquanto Gretel ainda falava e não abriu a porta para a mulher loira que o acompanhava. Lenharo (2006, p. 63) confirma que Hitler não obedecia à imagem moral que transmitia, dispensando um “tratamento esquizofrênico” às pessoas que considerasse de conhecimento inferior ao seu.

No *Terceiro Reich*, as mulheres eram consideradas seres cuja única obrigação era a procriação. Contudo, estavam em um nível acima dos judeus. Para Hitler, o antissemitismo não era uma questão religiosa. Geary (2010, p. 17) relata o absurdo de condenar milhões de pessoas ao argumento biológico, um “defeito” hereditário consolidado na perseguição a Cristo. Os inimigos seriam também materialistas e contrários ao sacrifício pela comunidade, um mal que se espalhava pelo mundo e precisava ser detido. Para os nazistas, não havia arrependimento ou conversão: “Uma vez judeu, sempre judeu”.

UM AMIGO JUDEU

Em Haja-Vista, não havia com quem brincar. Então, Bruno resolveu explorar o lugar. Pensando no campo cercado, o menino observou que as pessoas de pijamas obedeciam às ordens dos soldados e, quando elas caíam sem conseguir se levantar, eram levadas para longe. Com essa distração, ele nem percebeu onde tinha chegado. Bruno conhece Shmuel.

A criança atrás da cerca aparentava tristeza, estava suja e sem sapatos. Sua magreza surpreendeu Bruno que iniciou uma conversa. O diálogo segue com uma série de coincidências e empatia de ambos os lados. Logo, a origem de Shmuel é revelada: ele é polonês. Filho de uma professora de línguas e de um relojoeiro, não sabe o que faz no campo cercado.

Conforme D'Alessio e Capelato (2004, p. 107), os prisioneiros perderam suas posses, foram desapropriados de seus objetos mais íntimos, os que faziam sua mediação com o mundo exterior. Sua condição de indivíduos foi perdida com a destruição de seus registros de identidade e, em troca, ganharam um número, que os despersonificava e assemelhava-lhes a animais. Em *A menina que roubava livros*, havia ruas totalmente destruídas, como a das estrelas amarelas:

Era um lugar em que ninguém queria ficar e para o qual ninguém queria olhar, mas quase todos o faziam. No formato de um longo braço quebrado, a rua continha várias casas com janelas destroçadas e paredes machucadas. Nas portas estava pintada a estrela de Davi[sic]. Essas casas eram quase como leprosos. No mínimo, eram pústulas infeccionadas no tecido alemão ferido. (ZUSAK, 2010, p. 48).

As pessoas que moravam lá passaram a se esconder, assim como Max. Em um depósito escuro, magro e faminto, ele tinha sono, mas não podia dormir. Tinha medo, por isso vivia fugindo apesar de ser protegido, algumas vezes, pelo que chamava de vigiador. Até que resolveu pedir ajuda a um amigo do pai.

Hans concordou em abrigar Max, aceitando a insegurança que a presença de um judeu traria. Liesel foi proibida de falar sobre seu hóspede, que dormiria no porão. Ele trouxera um livro curioso, que a menina passou a cobiçar; era o *Mein Kampf*,

escrito pelo próprio Hitler. Max era lutador e sempre fantasiava que seu oponente, o líder alemão, ganhava a luta.

Shmuel usava uma braçadeira na qual tinha uma estrela desenhada. Indagado sobre a função de tal adereço, ele respondeu que sempre foi obrigado a usá-lo. Neste momento, Bruno contou sobre o desenho usado no uniforme do pai. Os dois meninos sentiam, mas não conheciam, a diferença de cada um. O jovem polonês revelou que ele e a família mudaram para uma pequena vila atrás de um muro. Em um mesmo quarto, conviviam com outras sete pessoas:

E sempre que saíamos de casa [...] tínhamos que usar uma daquelas braçadeiras. [...] eu nunca pedi para usar uma delas. [...] Cheguei em casa um dia, e a mamãe disse que não poderíamos mais morar na nossa casa... [...] tivemos que nos mudar para outra parte da Cracóvia, onde os soldados haviam construído um grande muro [...] Todos nós no mesmo quarto [...] Éramos onze ao todo [...] um dia, vieram os soldados e seus gigantescos caminhões [...] E todos tiveram que deixar suas casas. Muitas pessoas não queriam ir e se esconderam em qualquer lugar que puderam encontrar, mas, afinal, acho que pegaram todos. (BOYNE, 2007, p. 113-115).

De acordo com Lenharo (2006, p. 80), cada grupo de inimigos era marcado com triângulos de cores diferentes sobre a manga ou sobre o peito. O dos judeus era amarelo. Para Geary (2010, p. 101-102), a ocupação do território polonês concretizou ações mais violentas e abomináveis. Com o objetivo de reestruturar a Europa através do aspecto racial, a maior parte da população do país foi transferida para campos nazistas, sofrendo humilhações. Os habitantes que permaneceram em suas casas foram obrigados a realizar trabalhos forçados e a se isolar em guetos.

Em *A menina que roubava livros*, muitas cidades alemãs passam a ser bombardeadas. Certo dia, membros do NSDAP/ Partido Nazista examinaram todas as casas da cidade. Precisavam de abrigos antiaéreos, mas reprovaram o porão dos Hubermann. Por sorte, não viram Max. Logo, Molching virou um alvo e foi nos abrigos que os moradores se esconderam das bombas. Foi assim que Liesel passou a ler livros para as pessoas com quem dividiu o cômodo. Nesse desespero, Max fugiu.

Em *O menino do pijama listrado*, Bruno pegou piolhos e teve a cabeça raspada, ficando parecido com Shmuel. Então, os dois meninos têm uma ideia: deveriam brincar juntos dentro do campo. Coincidentemente, a mãe consegue

autorização para voltar a Berlim. Na despedida, o alemão, disfarçado, e o polonês são empurrados para dentro de um quarto escuro e de mãos dadas, morrem.

Na narrativa de Zusak, vários judeus marchavam para Dachau. Eram humilhados de todas as maneiras pelos soldados e pelos habitantes da cidade: “[...] Os rostos sofredores de homens e mulheres esgotados estendiam-se [...], implorando não tanto ajuda – já haviam ultrapassado essa fase –, mas uma explicação. Apenas alguma coisa que diminuísse aquela perplexidade” (ZUSAK, 2010, p. 341). Alguns morreram no meio do caminho.

Em casa, Liesel encontrou o caderno de desenho no qual Max adaptara a história do nazismo: como em um conto de fadas, havia um vilão. A menina descobriu o homem na fila dos condenados, não conseguiu salvá-lo e nunca mais teve notícias dele. Dias depois, ela retornou ao porão para ler e, ao subir, percebeu que não sobrou nada nem ninguém de sua rua completamente devastada pelas bombas.

Para Bruno e Liesel, o nazismo tinha significados diferentes. Para o menino rico, filho de um soldado da SS, representava uma luta justa, apesar do pensamento contrário sobre a situação do novo amigo; para a menina pobre, filha de comunistas, era a causa do sumiço dos pais e da vida escondida de Max. Enquanto o jovem de Berlim vivia cercado de luxo e segurança, em um lar propício ao reforço de uma ideologia desumana; a criança de Munique conheceu pessoas amedrontadas levadas para interrogatório e outras que se ocultavam em porões entregues à escuridão das lâmpadas e da alma.

A literatura, como todas as artes, se encaixa em uma das formas do trabalho histórico descritos por Droysen (2009, p. 67-69), pois o escritor também participa ativamente da sociedade através do belo e da imitação artística. Enquanto produz ficção, registra o momento que vive. Este retrato é apenas uma simulação da realidade, mas nem por isso uma mentira. Logo, “[...] pode-se dizer que no ficcional a dissociação ou a discordância com o mundo conhecido nunca dispensa alguma forma de reconhecimento desse mesmo mundo” (BULHÕES, 2009, p. 25).

Nesta perspectiva, em *O menino do pijama listrado* e *A menina que roubava livros*, percebemos uma criativa relação entre passado e presente. No momento em que produziram seus romances, John Boyne e Mark Zusak também atuaram como

historiadores apesar de as pesquisas sobre o nazismo nos mesmos documentos gerarem novas leituras e interpretações. Por consequência, os citados romances comunicam o mal do nazismo de formas divergentes, permitindo que os leitores construam novos pontos de vista sobre o assunto mergulhando no cotidiano de pessoas comuns.

O discurso histórico também não deve ser superficial, pois a interpretação do fato é condicionada pelas experiências vividas e “[...] Em vez de objetividade, seria preferível falar de imparcialidade” (PROST, 2008, p. 93). Sobre a relação entre literatura e história, acreditamos que a arte só evolui em seu contato com os aspectos da vida, absorvendo características dessas relações, contudo “[...] não haverá intensidade alguma, valor algum, se não houver liberdade para sentir e dizer” (JAMES, 2011, p. 19).

Partindo do mesmo fato – a infância na Alemanha nazista – os romancistas nos transportam para o momento delicado vivido no *Terceiro Reich*, em que as crianças foram as maiores vítimas. Bruno e Liesel são representações do fim da inocência e da livre opinião. Tão escondidas como Shmuel e Max, elas não compreendem a violência causada pela ambição humana. Ambição que transforma suas vidas. A proximidade física com os judeus foi exterminada pela morte, mas o que morreu foi a esperança.

10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOYNE, John. O menino do pijama listrado. Tradução de Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. A ficção nas mídias: um curso sobre a narrativa nos meios audiovisuais. São Paulo: Ática, 2009.

D’ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. Nazismo: política, cultura e holocausto. São Paulo: Atual, 2004. (Discutindo a História).

DROYSEN, Johann Gustav. Manual de teoria da história. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis: Vozes, 2009.

GEARY, Dick. Hitler e o nazismo. Tradução de Alexandre Kappaun. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JAMES, Henry. “A arte da ficção”. In: _____. A arte da ficção. Tradução de Daniel Piza. Osasco: Novo Século, 2011. (p. 11-40).

PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (História e Historiografia).

LENHARO, Alcir. Nazismo: o triunfo da vontade. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios).

RIBEIRO Jr, João. O que é nazismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Primeiros Passos).

ZUSAK, Markus. A menina que roubava livros. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.